

CAMINHOS METODOLÓGICOS DAS PESQUISAS SOBRE BRINCADEIRAS EM TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS: UMA BREVE ANÁLISE DA PRODUÇÃO ACADÊMICA BRASILEIRA

METHODOLOGICAL APPROACHES IN RESEARCH ON PLAY IN QUILOMBOLA TERRITORIES: A BRIEF ANALYSIS OF BRAZILIAN ACADEMIC PRODUCTION

ENFOQUES METODOLÓGICOS DE LAS INVESTIGACIONES SOBRE LOS JUEGOS EN TERRITORIOS QUILOMBOLAS: UN BREVE ANÁLISIS DE LA PRODUCCIÓN ACADÉMICA BRASILEÑA

Patrícia Pereira Alves¹

Lúcia Marisy Souza Ribeiro de Oliveira²

Teonis Batista da Silva³

Rosangela Bezerra Fonseca⁴

Edlúcia da Silva Costa⁵

RESUMO: O brincar constitui uma dimensão fundamental da experiência infantil e, nos territórios quilombolas, expressa relações de pertencimento, identidade, memória, ancestralidade e apropriação territorial. Este estudo teve como objetivo identificar e analisar os caminhos metodológicos adotados em pesquisas brasileiras sobre brincadeiras de crianças em comunidades quilombolas. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica sistematizada, realizada no Google Acadêmico, utilizando os termos “brincadeiras” e “quilombolas”, sem delimitação inicial do período de publicação. Foram incluídos trabalhos que abordassem brincadeiras desenvolvidas nesses territórios, excluindo-se estudos realizados em outros contextos. O corpus reuniu oito trabalhos publicados entre 2014 e 2023, compreendendo quatro artigos, duas teses, uma dissertação e uma monografia de graduação. Os resultados evidenciaram a predominância da abordagem qualitativa, com destaque para procedimentos etnográficos. Entre os instrumentos de produção de informações, sobressaíram a observação participante, a fotografia, as entrevistas, os diários de campo e as oficinas. Também foram identificadas estratégias menos frequentes, como mapas vivenciais, árvores da vida, desenhos e confecção de livros. Conclui-se que as metodologias analisadas favorecem a escuta das crianças e a compreensão das relações entre brincar, território, cultura e identidade, evidenciando a importância de ampliar as investigações sobre as infâncias quilombolas.

Palavras-chave: Infância quilombola. Brincadeiras. Território. Pesquisa etnográfica. metodologia.

¹Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano Campus Petrolina Zona Rural, Doutoranda em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial e Mestra em Ciências da Saúde e Biológicas pela Universidade Federal do Vale do São Francisco, Graduada em Pedagogia Universidade do Estado da Bahia.

²Professora Titular da Universidade Federal do Vale do São Francisco, Doutora em Desenvolvimento sócio ambiental pela Universidade Federal do Pará, Mestra em Desenvolvimento Regional e Pedagoga.

³Professor da Universidade Federal do Piauí, Doutorando em Ciências Agrárias pela Universidade Federal do Piauí, Mestre em Agronomia, com ênfase em Horticultura Irrigada, pela Universidade do Estado da Bahia, especialista em Agronomia pela Faculdade FAVENI e engenheiro agrônomo pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, Campus Petrolina Zona Rural.

⁴Doutoranda em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial e Mestra em Extensão Rural pela Universidade Federal do Vale do São Francisco, Graduação em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade de Pernambuco.

⁵Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano Campus Petrolina Zona Rural, Mestra em História pela Universidade Federal de Pernambuco, Graduação em História pela Universidade Federal de Pernambuco

ABSTRACT: Play constitutes a fundamental dimension of childhood experience and, in quilombola territories, expresses relationships of belonging, identity, memory, ancestry, and territorial appropriation. This study aimed to identify and analyze the methodological approaches adopted in Brazilian research on children's play in quilombola communities. This is a systematic bibliographic study conducted through Google Scholar, using the terms “play” and “quilombola”, without initially delimiting the publication period. Studies addressing play activities developed in these territories were included, while studies conducted in other contexts were excluded. The corpus comprised eight studies published between 2014 and 2023, including four articles, two doctoral theses, one master's dissertation, and one undergraduate monograph. The results showed a predominance of a qualitative approach, with emphasis on ethnographic procedures. Among the information production instruments, participant observation, photography, interviews, field diaries, and workshops were particularly prominent. Less frequently used strategies were also identified, such as experiential maps, life trees, drawings, and book making. It is concluded that the methodologies analyzed favor listening to children and understanding the relationships among play, territory, culture, and identity, highlighting the importance of expanding research on quilombola childhoods.

Keywords: Quilombola childhood. Play. Territory. Ethnographic research. Methodology.

RESUMEN: El juego constituye una dimensión fundamental de la experiencia infantil y, en los territorios quilombolas, expresa relaciones de pertenencia, identidad, memoria, ancestralidad y apropiación territorial. Este estudio tuvo como objetivo identificar y analizar los caminos metodológicos adoptados en investigaciones brasileñas sobre los juegos de niños en comunidades quilombolas. Se trata de una investigación bibliográfica sistematizada, realizada en Google Académico, utilizando los términos “juegos” y “quilombolas”, sin delimitación inicial del período de publicación. Se incluyeron trabajos que abordaran juegos desarrollados en estos territorios, excluyéndose aquellos realizados en otros contextos. El corpus reunió ocho trabajos publicados entre 2014 y 2023, correspondientes a cuatro artículos, dos tesis doctorales, una disertación de maestría y una monografía de grado. Los resultados evidenciaron el predominio del enfoque cualitativo, con énfasis en procedimientos etnográficos. Entre los instrumentos de producción de información, destacaron la observación participante, la fotografía, las entrevistas, los diarios de campo y los talleres. También se identificaron estrategias menos frecuentes, como los mapas vivenciales, los árboles de la vida, los dibujos y la elaboración de libros. Se concluye que las metodologías analizadas favorecen la escucha de los niños y la comprensión de las relaciones entre juego, territorio, cultura e identidad, evidenciando la importancia de ampliar las investigaciones sobre las infancias quilombolas.

Palabras clave: Infancia quilombola. Juegos. Território. Investigación etnográfica. Metodología.

INTRODUÇÃO

A partir dos estudos do francês Philippe Ariés sobre a infância e seu lugar na família, áreas como Psicologia, Sociologia, Antropologia e Educação vêm, ao longo do tempo, dedicando-se a pesquisar a criança sob diferentes perspectivas: cronológica, social, cultural, histórica e psicológica. Nessa face da vida inicial do ser humano, o brincar vem sendo

considerado um terreno fértil para os afloramentos das sutilezas, pluralidades, descobertas e encantos do universo infantil, além de contribuir para a compreensão do desenvolvimento cognitivo, motor, funcional, psicológico, emocional e afetivo da criança. A brincadeira é uma expressão singular do existir infantil e uma manifestação da cultura, da tradição, do imaginário e dos costumes dos povos.

Nos territórios quilombolas, o significado do brincar, bem como o espaço que ele ocupa na trama do cotidiano, diante dos afazeres, do trabalho, da religião, do lazer e das dificuldades, torna-se um importante elemento para compreender a história e a cultura dessas comunidades. Mattos e Abreu (2012) lembram que, no Brasil, a partir da Constituição de 1988, foi possível iniciar políticas de reparação em relação ao período escravocrata, mediante a titulação coletiva de terras aos “remanescentes de quilombo” e ao reconhecimento oficial de suas ancestralidades (grifo das autoras).

Nesse contexto, as crianças quilombolas são capazes de falar de seu grupo étnico e de seu território com afetividade e pertencimento (Paula, 2014). Ao mesmo tempo, no Brasil, o brincar em comunidades quilombolas tem chamado a atenção de estudiosos e pesquisadores de inúmeras instituições. A literatura sobre crianças quilombolas no Brasil converge em três eixos: brincar como apropriação do território, brincar como produção de identidade e cultura e os limites das políticas e práticas educacionais para reconhecer essas infâncias. No conjunto, o brincar aparece menos como atividade isolada e mais como forma de aprender, lembrar, pertencer e resistir (Wernet et al., 2025).

Nos estudos etnográficos, o brincar em comunidades quilombolas aparece fortemente ligado aos espaços abertos, aos elementos da natureza e às memórias do território. Crianças e jovens se apropriam da comunidade por meio de brincadeiras coletivas ao ar livre, explorando terra, plantas, árvores e animais, e essa relação também mobiliza o imaginário do sagrado, do assombro e da ancestralidade (Corsino Pérez, 2020). O brincar livre fortalece os vínculos entre criança e território e entre criança e cultura (Wernet et al., 2025). As brincadeiras podem incluir a criação de brinquedos e a valorização do ambiente natural (Wernet et al., 2025).

O cotidiano infantil também envolve aprendizagens construídas nas festas, no trabalho, nas reuniões e nas religiosidades comunitárias. Nesse sentido, o brincar não é apenas uma expressão lúdica, mas integra a produção de identidades negras e quilombolas. Brincadeiras dançantes, jogos, cantigas e interações entre pares aparecem como meios pelos quais as crianças

reafirmam pertencimento, atualizam tradições e participam ativamente da vida social da comunidade (Santos Andrade, 2021).

A produção também evidencia tensões entre as culturas infantis quilombolas e a escola. Há consenso de que currículos urbanocêntricos e homogeneizantes ainda subestimam os saberes infantis, o território e as especificidades quilombolas, embora práticas contextualizadas com literatura, oralidade, memória e mapeamento cultural tendam a fortalecer o pertencimento e a valorização dos saberes locais (Miranda et al., 2020; Oliveira, 2025).

Escolas quilombolas podem fortalecer o pertencimento e a ancestralidade quando articulam currículo e território (Ferreira et al., 2026). Nesse sentido, compreender as experiências infantis nesses espaços implica considerar as relações entre brincar, território, cultura, identidade e educação, reconhecendo que as brincadeiras fazem parte das formas pelas quais as crianças vivenciam e significam o lugar onde vivem.

Diante desse contexto, nosso interesse é buscar, na produção acadêmica, quais metodologias foram utilizadas nos estudos que analisaram as brincadeiras nas comunidades quilombolas no Brasil. Para tanto, o objetivo deste trabalho é identificar, quanto aos procedimentos, os tipos de pesquisa adotados em artigos, dissertações e teses que trataram desse tema.

REFERENCIAL TEÓRICO

A produção acadêmica brasileira sobre as comunidades quilombolas tem adquirido relevância teórico-metodológica a partir de diferentes perspectivas, incluindo os aspectos psicológico, educacional, social, cultural, histórico e legal. É nessa conjuntura interdisciplinar que se inserem estudos voltados à compreensão das experiências, dos modos de vida e das especificidades dessas comunidades, contribuindo para ampliar sua visibilidade e para fortalecer o debate sobre questões historicamente relevantes para a sociedade. Nesse contexto, alguns conceitos são fundamentais para a compreensão do tema, especialmente aqueles relacionados à infância, à ludicidade, ao brincar e ao brinquedo.

Inicialmente, destaca-se a concepção de infância como “[...] um período de experimentações, sensações, sabores, cores, brincadeiras” (Friedmann, 2013, p. 25). A própria origem do termo contribui para compreender como a infância foi historicamente concebida, uma vez que a palavra infante, de origem latina, está associada à ausência de fala (Lajolo, 2009). Entretanto, compreender a infância para além de uma perspectiva etimológica ou cronológica

implica reconhecê-la como uma experiência social e culturalmente construída. Para Zeiher (2007, p. 53), “[...] a infância é entendida como um espaço societário, no qual as crianças vivem cuidadas e protegidas e preparadas para a vida sucessiva, [...]”. Nessa mesma direção, Azevedo (2016) destaca que a infância não corresponde apenas a uma fase biológica ou cronológica da vida, mas constitui uma construção cultural e histórica, cuja complexidade não pode ser compreendida apenas por meio de números ou delimitações etárias.

Nesse campo multifacetado da infância, a ludicidade ocupa um lugar central, especialmente por possibilitar diferentes formas de expressão, interação e produção de sentidos. Friedmann (2013) destaca que o universo lúdico oferece oportunidades para a manifestação do potencial individual da criança, conferindo-lhe voz e vez. A autora também compreende o brincar a partir de duas dimensões articuladas: os elementos concretos, relacionados à forma, ao local e ao tempo da brincadeira, aos protagonistas, aos objetos e às regras; e a narrativa, relacionada às mensagens e aos significados construídos pelos próprios brincantes. Essa compreensão amplia o olhar sobre o brincar, que deixa de ser entendido apenas como uma atividade recreativa e passa a ser reconhecido como uma experiência constituída por elementos materiais, sociais e simbólicos.

A relação entre ludicidade, aprendizagem e desenvolvimento também pressupõe condições que favoreçam a autonomia e a liberdade infantil. Rocha (2016, p. 155) destaca que o papel da ludicidade na aprendizagem e no desenvolvimento da criança exige tempo livre. Nesse sentido, o brincar “[...] emerge da essência do ser humano, encontra-se na gênese do pensamento, na descoberta da individualidade, na possibilidade de experimentar, de criar e de transformar o mundo”. O brincar, portanto, envolve experimentação, criação e descoberta, permitindo que a criança estabeleça relações consigo mesma, com seus pares e com o ambiente em que está inserida.

Na perspectiva de Redin (1998, 2009), o brincar constitui um espaço no qual a criança manifesta autonomia, cooperação e liberdade, ao mesmo tempo em que desenvolve sua capacidade de criar, aprender, construir e compartilhar com seus pares símbolos, significados e sentidos. Nessa experiência, a infância recupera o movimento e a vitalidade de ser e estar no mundo. Para Corrêa e Silva (2014), a brincadeira não pode ser prescrita, pois está relacionada à criação, à imaginação e à liberdade para percorrer o desconhecido, vivenciar a surpresa e enfrentar os medos. Dessa forma, a brincadeira constitui uma experiência aberta à descoberta,

na qual a criança participa ativamente da construção de suas próprias experiências e significados.

No que se refere ao brinquedo, sua compreensão também ultrapassa a condição de simples objeto utilizado durante as brincadeiras. Para Friedmann (2013), o brinquedo transmite a cada criança valores, sentimentos e representações diferenciadas, assumindo significados que se relacionam às experiências e aos contextos nos quais é utilizado. Bomtempo (2011), por sua vez, compreende o brinquedo como instrumento cultural, capaz de conduzir à ação e à representação dentro do alcance da criança. Azevedo (2016, p. 179) reforça essa perspectiva ao afirmar que os brinquedos são “[...] artefatos culturais e, portanto, carregados de significados dos contextos de seu pertencimento”.

Assim, infância, ludicidade, brincar e brinquedo constituem dimensões inter-relacionadas da experiência infantil. O brincar não se restringe ao entretenimento ou à ocupação do tempo, mas envolve criação, imaginação, interação, aprendizagem, expressão e produção de significados. O brinquedo, por sua vez, integra esse universo como artefato cultural carregado de valores e representações. Essa compreensão torna-se particularmente relevante quando se consideram diferentes contextos socioculturais, nos quais as formas de brincar, os espaços ocupados pelas crianças, os objetos utilizados e os significados atribuídos às brincadeiras podem expressar modos próprios de viver e interpretar a infância.

6

A respeito das reflexões sobre infância, brincar, brincadeiras e brinquedos, Redin traz contribuições valorosas:

Somos seres brincantes. É na infância, no seu decorrer, que estruturamos capacidades de ação e simbolização, e o brinquedo é a forma mais completa de lidar com elas. Brincar, portanto, deixa de ser somente um direito para ser tornar o espaço de liberdade, de criação. Através da brincadeira a criança mergulha na vida, criando um espaço que expressa, que atribui sentido e significado aos acontecimentos. Brincar também é uma forma de buscar estabilidade emocional, pois certas brincadeiras trazem os elementos necessários para lidar com os medos, a angústia, a surpresa, o abandono, o poder, que são emoções necessárias ao convívio coletivo, ao convívio de pares. Brincar, como uma atividade compartilhada, permite ao ser humano conhecer e reinventar, “reproduzir e interpretar”, gerando novas formas culturais entre as crianças (2009, p.123, grifo da autora).

Ainda segundo a pesquisadora, ao brincar, a criança se encontra com sentimentos universais que precisam ser compreendidos e elaborados como parte de seu processo de reinvenção e de convivência coletiva. Nas comunidades quilombolas, o brincar também permite perceber elementos constitutivos da história e da cultura, uma vez que as experiências lúdicas se relacionam com os modos de vida, os territórios e as formas de pertencimento construídas

pelas crianças. Nesse sentido, Paula (2014) evidenciou que as crianças quilombolas são capazes de falar sobre seu grupo étnico e seu território com afetividade e pertencimento.

Apesar da escassez de registros sobre a infância durante o período escravocrata (1535-1888), Souza (2012) destaca que, naquele contexto, as crianças não recebiam atenção dos senhores e apresentavam reduzidas possibilidades de chegar à vida adulta em razão das precárias condições de vida. Essa realidade histórica permite refletir sobre as desigualdades que atravessam, em diferentes momentos, as experiências das populações quilombolas. No contexto contemporâneo, crianças dessas comunidades ainda podem vivenciar situações relacionadas a doenças e à desnutrição, evidenciando a permanência de condições de vulnerabilidade social que atravessam historicamente esses territórios.

Por essas razões, a infância quilombola, entre suas múltiplas particularidades, é atravessada por condições de exploração econômica, social e política inscritas na história da sociedade brasileira. Entretanto, essas crianças também constroem formas próprias de resistência e participação no cotidiano, criando possibilidades de liberdade e expressão. Como destaca Paula (2019, p. 274), “[...] essas mesmas crianças criam brechas e oásis de liberdade, para romper, de alguma forma e ao menos em alguns momentos, com as amarras impingidas por essa estrutura [...]”.

Essas evidências ampliam a necessidade de compreender como as crianças das comunidades quilombolas brincam no Brasil contemporâneo e, sobretudo, de conhecer como essa realidade vem sendo investigada pela produção acadêmica. Mais do que identificar a presença do brincar nesses territórios, torna-se relevante compreender os caminhos metodológicos empregados pelos pesquisadores para analisar essas experiências infantis. Diante disso, este artigo busca identificar os tipos de pesquisa adotados nos estudos que abordam as brincadeiras em comunidades quilombolas no Brasil. Para alcançar esse propósito, apresenta-se, a seguir, o percurso metodológico utilizado na realização deste estudo.

MATERIAL E MÉTODO

Com o intuito de alcançar nosso objetivo, foi feito inicialmente uma busca no Google Acadêmico, usando duas palavras: brincadeiras e quilombolas, sem definição de data de publicação. Em seguida foi realizada uma leitura dos títulos disponíveis. A cada título lido, certificou-se a possibilidade de atender a nossa problematização, só então, adentramos no texto propriamente dito. Utilizamos como critério de inclusão, trabalhos que tratassem das

brincadeiras em territórios quilombolas e como critérios de exclusão aqueles, cujas experiências não tinham se concretizado nestas comunidades. Foram 4 artigos, 1 dissertação, 2 teses e 1 monografia de graduação, totalizando 8 trabalhos publicados entre 2014 a 2023. Acreditamos que este percurso metodológico se enquadra na Revisão Sistemática. A fim de organizar as informações coletadas, apresentamos os resultados em 4 quadros, o primeiro com a identificação do tipo de trabalho, títulos, ano de publicação e autores. No quadro 2 temos alguns objetivos gerais. No terceiro tratamos da classificação quanto aos procedimentos, objetivos, abordagem e natureza. No quadro 4 temos a frequência dos instrumentos de coleta de dados, como: observação participante, entrevista, diário de campo, roda de conversa, fotografias, oficinas, áudio, filmagens, produção textual, produção de desenho, mapa vivencial, árvore da vida, questionário e confecção de livro.

RESULTADOS

O Quadro 1 apresenta os oito estudos que compõem o corpus desta pesquisa, contemplando artigos científicos, monografias, dissertações e teses, bem como seus respectivos títulos, anos de publicação e autores.

Quadro 1 – Tipos, títulos, ano e autores dos trabalhos analisados.

TIPO	TÍTULO	ANO	AUTOR (A)
Dissertação	BRINCADEQUÊ: brinquedos e brincadeiras no quilombo de Lajeado, TO.	2021	Laurenita Gualberto Pereira Alves
Tese	“VEM BRINCAR NA RUA!” Entre o Quilombo e a Educação Infantil: capturando expressões, experiências e conflitos de crianças quilombolas no entremeio desses contextos	2014	Elaine de Paula
Tese	“Ser quilombola”: identidade, território e educação na cultura infantil.	2015	Márcia Lúcia Anacleto de Souza
Artigo	O brincar das crianças quilombolas da comunidade do ginete.	2021	Girlaine Pessoa Andrade e Isabel Cristina de Jesus Brandão
Monografia	“Ser criança é ser quilombola” infâncias no território do quilombo monte recôncavo/BA	2019	Fabiana Pedreira Gelard
Artigo	Crianças e infâncias em territórios quilombolas na Amazônia paraense	2023	Eliana Campos Pojo Toutonge, Lucirlândia Oliveira Santos Tembê e Naire Gomes de Sousa.
Artigo	As pluralidades do ser criança no quilombo mato do tição-MG.	2018	Patrícia Maria de Souza Santana
Artigo	Cultura, cotidiano quilombola e o brincar de crianças ribeirinhas de Abaetetuba-PA.	2015	Eliana Campos Pojo e Josilene Ferreira Barreto.

Fonte: própria pesquisa, 2023.

Observa-se, no Quadro 1, que os estudos analisados foram publicados entre 2014 e 2023, caracterizando uma produção relativamente recente sobre as brincadeiras em territórios quilombolas. Os títulos, sem exceção, situam o leitor, de forma imediata, no universo das experiências brincantes infantis, recorrendo a termos como “brincar”, “brincadeiras”, “criança” e “infância”. Nota-se, ainda, que apenas dois dos oito títulos não fazem referência explícita aos territórios em que as pesquisas foram desenvolvidas.

A identificação da comunidade quilombola nos títulos mostra-se relevante para a compreensão da problemática investigada, pois o território, para as comunidades quilombolas, ultrapassa a dimensão física da terra. Constitui-se como espaço de moradia, pertencimento, memória, resistência e continuidade de práticas culturais e modos de vida. Desse modo, explicitar o território em que as experiências infantis são vivenciadas contribui para situar as brincadeiras em seus contextos sociais e culturais, considerando a relação das crianças com a comunidade e com os saberes que nela são produzidos e compartilhados. Já no quadro 2, podemos observar os objetivos dos trabalhos analisados.

Quadro 2 – Objetivos dos estudos.

OBJETIVOS DOS ESTUDOS
Discutir a cultura quilombola por meio do cotidiano e das brincadeiras infantis, compreendendo sua relevância para a dinâmica cultural e a identidade da comunidade.
Compreender e analisar a infância vivida por crianças em uma comunidade remanescente de quilombo, especificamente o Quilombo Brotas, localizado em Itatiba, São Paulo.
Compreender e dar visibilidade às identidades, vivências, potencialidades e à diversidade dos modos de ser das crianças quilombolas.
Dar visibilidade às vozes das crianças, a partir das brincadeiras, interações, fazeres e convívios, contribuindo, assim, para que as diferentes infâncias que habitam esse complexo território da Amazônia paraense saiam do status da invisibilidade social.
Compreender os sentidos e os significados que as crianças do Quilombo Monte Recôncavo atribuem à infância, à própria identidade e ao território onde vivem.
Compreender, registrar e preservar as práticas lúdicas e a confecção de brinquedos tradicionais como elementos fundamentais da identidade, memória e cultura do Quilombo de Lajeado, em Dianópolis (TO).
Investigar e capturar as expressões, as vivências e os conflitos de crianças quilombolas que transitam entre o modo de vida de suas comunidades tradicionais e as rotinas das instituições de Educação Infantil
Analisar as brincadeiras das crianças quilombolas da comunidade do Ginete, localizada na cidade de Barra da Estiva, na Bahia, compreendendo como essas práticas lúdicas refletem a cultura, o cotidiano e a ancestralidade do grupo.

Fonte: própria pesquisa, 2023.

No Quadro 2, diante dos oito objetivos identificados nos estudos. A observação dos verbos empregados evidencia um movimento investigativo voltado não apenas à descrição das

experiências, mas também à sua compreensão e análise. De modo geral, os objetivos tomam a infância quilombola como referência e direcionam o olhar para as diferentes formas de expressão do brincar, das brincadeiras e das relações estabelecidas pelas crianças com os brinquedos, com seus pares e com o território. Nesse sentido, os objetivos revelam uma perspectiva investigativa que busca compreender a experiência brincante infantil a partir de seu contexto sociocultural, reconhecendo o brincar como uma dimensão significativa da constituição das infâncias quilombolas.

O quadro 3 traz a classificação das pesquisas de acordo com os procedimentos, objetivos, abordagem e natureza, segundo Gil (2009)

Quadro - 3 Classificação das pesquisas quanto procedimentos, objetivos, abordagem e natureza.

TÍTULO DO ESTUDO	QUANTO AOS PROCEDIMENTOS	QUANTO AOS OBJETIVOS	QUANTO À ABORDAGEM	QUANTO À NATUREZA
BRINCADEQUÊ: brinquedos e brincadeiras no quilombo de Lajeado, TO.	História oral e etnográfica	Exploratória	Qualitativa	Básica
“VEM BRINCAR NA RUA!” Entre o Quilombo e a Educação Infantil: capturando expressões, experiências e conflitos de crianças quilombolas no entremeio desses contextos	Etnográfica	Exploratória	Qualitativa	Básica
"Ser quilombola": identidade, território e educação na cultura infantil.	Etnográfica	Exploratória	Qualitativa	Básica
O brincar das crianças quilombolas da comunidade do ginete.	Etnográfica	Exploratória	Qualitativa	Básica
“Ser criança é ser quilombola” infâncias no território do quilombo monte recôncavo/BA	Etnográfica	Exploratória	Qualitativa	Básica
Crianças e infâncias em territórios	Etnográfica	Exploratória	Qualitativa	Básica

quilombolas na Amazônia paraense				
As pluralidades do ser criança no quilombo mato do tição-MG.	Etnográfica	Exploratória	Qualitativa	Básica
Cultura, cotidiano quilombola e o brincar de crianças ribeirinhas de Abaetetuba-PA.	Etnográfica	Exploratória	Qualitativa	Básica

Fonte: própria pesquisa, 2023.

Além da classificação metodológica dos estudos, foram identificados os instrumentos utilizados para a produção das informações. O Quadro 4 apresenta a frequência de ocorrência dessas técnicas, permitindo visualizar quais estratégias foram mais recorrentes nas pesquisas analisadas e, posteriormente, discutir sua contribuição para a compreensão das experiências brincantes das crianças quilombolas.

Quadro – 4 Instrumentos de coleta de informações mais frequentes nos estudos.

Observação Participante	Entrevista	Diário de Campo	Roda de conversa	Fotografias	Oficinas
08	06	06	04	07	05
Áudio	Vídeo	Produção Textual	Produção de Desenho	Mapa Vivencial	Árvore da Vida
04	04	02	05	01	01
Questionário	Confecção de livro				
01	01				

Fonte: próprio estudo, 2023.

DISCUSSÃO

A identificação da comunidade quilombola nos títulos mostra-se relevante para a compreensão da problemática investigada, pois o território, para as comunidades quilombolas, ultrapassa a dimensão física da terra. Constitui-se como espaço de moradia, pertencimento, memória, resistência e continuidade de práticas culturais e modos de vida. Desse modo, explicitar o território em que as experiências infantis são vivenciadas contribui para situar as brincadeiras em seus contextos sociais e culturais, considerando a relação das crianças com a comunidade e com os saberes que nela são produzidos e compartilhados.

Como se observa nos oito estudos analisados, todos sem exceção adotaram procedimentos de caráter etnográfico, indicando a relevância dessa perspectiva para

compreender as brincadeiras e as experiências infantis em territórios quilombolas. Também foram identificados trabalhos de abordagem qualitativa e estudos classificados quanto aos seus objetivos como exploratórios. Essas escolhas metodológicas evidenciam a busca por estratégias capazes de apreender as experiências das crianças em seus contextos cotidianos, considerando as relações estabelecidas com o território, a comunidade e as práticas culturais.

A pesquisa etnográfica fundamenta-se na observação e na descrição do cotidiano, buscando compreender os significados atribuídos pelos sujeitos às suas práticas e experiências. Para Marconi e Lakatos (2008), essa perspectiva possibilita conhecer modos de vida e manifestações culturais de determinados grupos. Severino (2007) destaca que a etnografia procura compreender a realidade a partir de suas manifestações no cotidiano, recorrendo a procedimentos compatíveis com a abordagem qualitativa. Nessa perspectiva, o pesquisador mantém contato direto com o contexto investigado e busca compreender os fenômenos a partir das relações e dos significados construídos pelos próprios participantes (Mattos, 2011; Ataídes, Oliveira, Silva, 2021).

A abordagem qualitativa, por sua vez, mostra-se pertinente quando se pretende compreender fenômenos considerando suas particularidades, os contextos em que ocorrem e os significados construídos pelos sujeitos. Rampazzo (2005) ressalta que essa abordagem permite compreender uma realidade específica de maneira multifacetada, considerando suas dimensões temporais, espaciais e sociais. Para Severino (2007), a pesquisa qualitativa constitui uma abordagem que pode reunir diferentes métodos e referenciais epistemológicos, não correspondendo a uma modalidade metodológica única.

12

Quanto aos objetivos, a pesquisa exploratória busca ampliar a aproximação com determinado problema, favorecendo seu conhecimento inicial, o aprimoramento de ideias e a reformulação de hipóteses ao longo do percurso investigativo (Gil, 2009; Severino, 2007). Sua utilização mostra-se pertinente em temas cuja produção científica ainda é limitada, como ocorre com os estudos sobre as brincadeiras em territórios quilombolas.

Como apresentado no Quadro 4, a observação participante esteve presente nos oito estudos analisados, constituindo o procedimento mais recorrente. Em quatro pesquisas, esse recurso foi associado à filmagem, ampliando as possibilidades de registro das experiências vivenciadas no campo. A fotografia também apresentou elevada frequência, sendo utilizada em sete estudos, seguida pelas entrevistas e pelo diário de campo, identificados em seis pesquisas. A presença desses procedimentos reforça a aproximação dos estudos com perspectivas

etnográficas, favorecendo a compreensão das experiências infantis em seus contextos cotidianos e socioculturais (Marconi; Lakatos, 2008; Severino, 2007).

As oficinas e a produção de desenhos foram utilizadas em cinco estudos, enquanto as rodas de conversa apareceram em quatro. Essas estratégias possibilitam maior participação das crianças e ampliam as formas de expressão para além da linguagem verbal, aspecto particularmente relevante em pesquisas sobre infância. Entre os procedimentos menos frequentes, destacaram-se o mapa vivencial, a árvore da vida, o questionário e a confecção de livros, identificados em apenas um estudo cada. Embora pouco recorrentes, essas estratégias apresentam possibilidades específicas para compreender a percepção das crianças sobre suas experiências, seus espaços de convivência e o território quilombola.

De modo geral, os resultados demonstram uma diversidade de instrumentos de produção de informações, com predominância de estratégias de observação, registro, diálogo e expressão infantil. A combinação desses procedimentos contribui para uma compreensão mais contextualizada das brincadeiras e das experiências das crianças, considerando as relações entre infância, cultura, identidade e território.

CONCLUSÃO

13

A análise dos oito estudos publicados entre 2014 e 2023 evidenciou a predominância de procedimentos etnográficos em todos os estudos. A observação participante foi o instrumento mais recorrente, seguida da fotografia, da entrevista e do diário de campo. Também foram identificadas estratégias como oficinas, desenhos e rodas de conversa, enquanto recursos como a árvore da vida, o mapa vivencial e a confecção de livros apareceram de forma pontual.

Os resultados indicam que as pesquisas sobre brincadeiras em territórios quilombolas ainda são pouco numerosas. Ampliar essa produção pode contribuir para compreender as relações entre brincar, infância, pertencimento, ancestralidade, identidade e território, valorizando as experiências e práticas culturais das crianças quilombolas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. A. C. de. **Projeto de Pesquisa: guia prático para monografia**. 4. ed. Rio de Janeiro, Wak, 2007.

ANDRADE, G. P.; BRANDÃO, I. C. de J. de. **O brincar das crianças quilombolas da comunidade do ginete**. Disponível em: <http://anais.uesb.br/index.php/semgepraxis/article/view/9808>. Acesso em: 15 de jun. 2026.

ATAÍDES, F. B.; OLIVEIRA, G. S.; SILVA, A. A. de F. de. **A etnografia: uma perspectiva metodológica de investigação qualitativa**. Cadernos da Fucamp, v.20, n.48, p.133-147/2021. Disponível em: <file:///C:/Users/P/Downloads/2601-Texto%20do%20Artigo-9400-1-10-20211017.pdf>. Acesso em 19 jun. 2026.

AZEVEDO, T. M. C. de. Brinquedos e gênero na educação infantil: estudo etnográfico. In: KISHIMOTO, T. M.; SANTOS, M. W. dos. (orgs.) **Jogos e brincadeiras: tempos, espaços e diversidade (pesquisas em Educação)**. São Paulo: Cortez, 2016.

BORGES, F. A.; SILVA, A. R. N. da. O diário de pesquisa como instrumento de acompanhamento da aprendizagem e de análise de implicação do estudante/pesquisador. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 24, p. e190869, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/HyBHvWzGcgsFTfFrSLwLw8S/?lang=pt#>. Acesso em: 20 jun. 2026.

CORRÊA, C. M; SILVA, J. S. **Brincadeira e experiência**. In: SILVA, U. G. da. (Org.) **Brincadeiras de muitos tempos e lugares: em busca das memórias dos Profissionais da educação da creche e da escola de aplicação da Universidade de São Paulo**. São Paulo: Ed. Do Autor, 2014.

CORSINO PÉREZ, B. Between fences, games, and spells: conflicts and appropriations of territory by quilombola children and young people. **Childhood & Philosophy**, v. 16, p. 1-27, 2020. DOI: <https://doi.org/10.12957/childphilo.2020.48351>.

COSTA, B. M. F.; BARROSO, V. S. **Mapas vivenciais e a pesquisa com crianças**. Edu. Foco, Juiz de Fora, v. 23, n. 3, p. 989-1006. Set, dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/20113/10697>. Acesso em: 19 jun. 2026.

14

COSTA, B. M. M. C. da. Desde a geografia da infância a construção de uma cartografia vivencial/ social. **Revista Mutirão** (Recife) v. 2, n. 1, 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/P/Downloads/248278-197095-1-PB.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2026.

CULTURA, COTIDIANO QUILOMBOLA E O BRINCAR DE CRIANÇAS RIBEIRINHAS DE ABAETETUBA-PA. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/3078/3099>. Acesso em: 15 jun. 2026.

EGAS, O. M. B. A fotografia na pesquisa em educação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 13, n. 3, p. 953-966, jul./set., 2018. Disponível em: file:///C:/Users/P/Downloads/4+7+TRD+10871-30198-1-SP_Rev+MV.pdf. Acesso: 19 jun. 2026.

ESTEBAN, M. P. S. **Pesquisa Qualitativa em educação: fundamentos e tradições**. Tradução de Miguel Cabrera. Porto Alegre: AMGH, 2010.

FERREIRA, N. V. C.; DUTRA, P. Territories, communities, and quilombola school education (Mato Grosso and Rondônia). **Revista de Educação Pública**, 2026. DOI: <https://doi.org/10.29286/216432026>.

FRIEDMANN, A. **Linguagens e culturas infantis**. São Paulo: Cortez, 2013.

GELARD, F. P. **“Ser criança é ser quilombola”**: infâncias no território do Quilombo Monte Recôncavo/BA. 2019. 84 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2019.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ED. São Paulo: Atlas, 2009.

GOBBI, M. **Instrumentos para pesquisas com crianças pequenas**. In: FARIA, A. L. G. de; DEMARTINI, Z. B. F. de.; PRADO, P. D. de. (org.) Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

GOLDEMBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 5. ed. Rio De Janeiro: Record, 2001.

GOMES, N. R. R. Como brincam as crianças da comunidade quilombola de Jamary dos Pretos em Turiaçu - Ma. 2018.121f. Dissertação (Mestrado em Saúde e Ambiente/CCBS) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/2148>. Acesso em 12 jun.2026

JOAQUIM, F. F.; CAMARGO, M. R. R. M. D. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA: OFICINAS. **Educação em Revista**, v. 36, p. e218538, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/J5G58pGL7dHCzHF36S94mZs/?lang=pt#>. Acesso em: 20 jun. 2023.

KROEF, R. F. S. da; GAVILLON, P. Q.; RAMM, L. V. Diário de Campo e a Relação do(a) Pesquisador(a) com o Campo-Tema na Pesquisa-Intervenção. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 464-480, ago. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812020000200005&lng=pt&nrm=isso. Acesso em: 20 jun. 2026.

LAJOLO. M. Infância de papel e tinta. In: FREITAS, M. C. de. (Org.) **História Social da infância no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

LOPES, J. J. M.; COSTA, B. M. F.; AMORIM, C. C. **Mapas vivenciais**: possibilidades para a Cartografia Escolar com as crianças dos anos iniciais. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 6, n. 11, p.237-256, jan./jun., 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/P/Downloads/admin,+14.+Artigo+Dossi%C3%AA+11+-+Mapas+vivenciais.pdf>. Acesso em: 20 de jun. 2026.

MACEDO, R. S. **Etnopesquisa crítica**: etnopesquisa-formação. 2. ed. Brasília: Liber Livro, 2010.

MAIA, T. **Contribuições e limites do uso da pesquisa etnográfica em marketing**. CAD. v. 6, n.1. Jan - Dez. 2012, p. 01-19. Disponível em: <file:///C:/Users/P/Downloads/16943-Texto%20do%20artigo-41797-1-10-20131017.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2026.

MARCONI, M. A. de.; Lakatos, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1985.

MARCONI, M. A. de.; Lakatos, E. M. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MATTOS, C. L. G. A abordagem etnográfica na investigação científica. In MATTOS, C. L. G.; CASTRO, P. A., (orgs.) **Etnografia e educação: conceitos e usos** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 49-83. Disponível em: Available from SciELO Books. Acesso em: 19 jun. 2026.

MATTOS, H.; ABREU, M. “Remanescentes das comunidades dos quilombos”: memória do cativo, patrimônio cultural e direito à reparação. In: DANTAS, C. V.; MATTOS, H.; ABREU, M. (orgs.) **O Negro no Brasil: trajetórias e lutas em dez aulas de história**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

MIRANDA, E. R. da Silva; RODRIGUES, D. Experiences of “school[s]” that educate children in a quilombola community in the Brazilian Amazon. *ODEERE*, v. 5, n. 9, p. 82-108, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22481/odeere.v5i9.6620>.

NATIVIDADE, M. R. da; COUTINHO, M. C.; ZANELLA, A. V. Desenho na pesquisa com crianças: análise na perspectiva histórico-cultural. **Contextos Clínic**. São Leopoldo, v. 1, n. 1, p. 9-18, jun. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822008000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 19 jun. 2026.

NEIVA-SILVA, L.; KOLLER, S. H. O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 7, n. 2, p. 237-250, jul. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/4H86G9cXMBR6xRh7NHPYqZN/?lang=pt#>. Acesso em: 19 jun. 2026.

OLIVEIRA, R. C. M. de. **Entre linhas de uma pesquisa: o Diário de Campo como dispositivo de (in)formação na/da abordagem (Auto)biográfica**. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, vol. 2, nº 4, 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/P/Downloads/1059-Texto%20do%20artigo-2503-1-10-20141231.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2026.

OLIVEIRA, L. de Souza; PINTO, F. C. Quilombola school education and cultural identity: practices of resistance, belonging, and appreciation of local knowledge. *RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O Saber*, 2025. DOI: <https://doi.org/10.51473/rcmos.v1i2.2025.1543>.

PAULA, E. de. **Aqui é o lugar que a gente vive!** As brincadeiras das crianças de um quilombo catarinense. *Revista Contrapontos*, v. 19, n. 01, Itajaí, jan-jun, 2019. p. 271-286. Disponível em: www.univali.br/periodicos. Acesso em: 16 jan. 2026.

PAULA, E. de. **Vem brincar na rua! Entre o Quilombo e a Educação Infantil: capturando expressões, experiências e conflitos de crianças quilombolas no entremeio desses contextos**. [Tese] Florianópolis, SC. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-graduação em Educação. 2014. 355p.

PINHEIRO, L. R. **Rodas de conversa e pesquisa: reflexões de uma abordagem etnográfica**. Pró-Posições Publicação. UNICAMP. Faculdade de Educação Área: Ciências Humanas, Versão on-line ISSN: 1980-6248. Disponível em: <https://www.scielo.br/journal/pp/about/#editors>. Acesso em: 04 dez. 2026.

POJO, E. C.; BARRETO, J. F. **Cultura, cotidiano quilombola e o brincar de crianças ribeirinhas de Abaetetuba-PA**. 2015. Universidade Federal do Pará. 312-331. V. 9. N. 12. *Revista*

Margens Interdisciplinar. Disponível em: 18
<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/3078>. Acesso em: 16 jan. 2026.

PRESTES, M. L. M. de. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento aos textos, da escola à academia**. 4. Ed. São Paulo: Rêspel, 2013.

RAMPAZZO, L. **Metodologia Científica: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação**. 3. Ed. São Paulo: Loyola, 2005.

REDIN, E. **O espaço e o tempo da criança: se der tempo a gente brinca**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

REDIN, M. M. Crianças e suas culturas singulares. In: MÜLLER, F.; CARVALHO, A. M. A. **Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com Willian Corsaro (orgs.)**. São Paulo: Cortez, 2009.

ROCHA, M. L. G. M. de. Brincar: oportunidade lúdica nos tempos livres da crianças? In: KISHIMOTO, T. M.; SANTOS, M. W. dos. (orgs.) **Jogos e brincadeiras: tempos, espaços e diversidade (pesquisas em Educação)**. São Paulo: Cortez, 2016.

RODRIGUES, A. J. de. et al. **LIVRO: Metodologia Científica**. Aracajú: UNIT, 2014.

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis: Vozes, 2005.

SANTANA, P. M. de S. As pluralidades do ser criança no quilombo mato do tição-mg. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 10, n. Ed. Especial, p. 66–87, 2018. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/530>. Acesso em: 15 jun. 2026.

17

SANTOS ANDRADE, S.; SANTOS, R. A. D. Black play in the Bragantina Amazon: dance games played by children in the quilombo. 2021. DOI: <https://doi.org/10.24109/emaberto.v34i110.4591>.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, J. M. da; DANTAS, S. S. O recurso metodológico da oficina pedagógica na formação mental de conceitos científicos por etapas na educação infantil. CONEDU, VI Congresso Nacional de Educação. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anaais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MDI_SA9_ID5776_01082019182400.pdf. Acesso em: 20 jun. 2026.

SOUSA, E. L. de; PIRES, F. F. **Entendeu ou quer que eu desenhe? Os desenhos na pesquisa com crianças e sua inserção nos textos antropológicos**. Horiz. antropol., Porto Alegre, ano 27, n. 60, p. 61-93, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/V7gGJ47rf86VqnxpH5vgvVw/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 19 jun. 2026.

SOUZA, L. O. C. de. **Quilombos: identidade e história**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

SPINK, M. J.; MENEGON, V. M.; MEDRADO, B. Oficinas como estratégia de pesquisa: articulações teórico-metodológicas e aplicações ético-políticas. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 1, p. 32-43, jan. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/vr5bbMpFznNZRsVTMJFxFxVqN/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 20 jun. 2026.

TOUTONGE, E. C. P.; TEMBÉ, L. O. S.; SOUSA, N. G. de. Crianças e infâncias em territórios quilombolas na Amazônia paraense. **Educação em Revista**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 51-68, 2023. DOI: 10.36311/2236-5192.2023.v24n1.p51. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/13399>. Acesso em: 15 jun. 2026.

WERNET, M.; SILVEIRA, A. O.; DE CARVALHO, J. R. B.; DA COSTA, G. P.; DE FREITAS, B. H. B. D.; MAGALHÃES, B. C. Practices and beliefs in childcare relationships in quilombola territories: an integrative review. **Saúde em Debate**, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/2358-289820251449681i>.

ZEIHER, H. **Tempo da profissão e tempo da família**: suas modificações sociais. In: SOUZA, G. de. (orga.) *A criança em perspectiva: olhares do mundo sobre o tempo infância*. São Paulo: Cortez, 2007.